

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

LUCIANA BARRETO GONÇALVES

**Seminário Integrado:
Redes Sociais Virtuais e
Ferramentas Colaborativas**

**Porto Alegre
2012**

LUCIANA BARRETO GONÇALVES

**Seminário Integrado:
Redes Sociais Virtuais e
Ferramentas Colaborativas**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientador: Prof. Ms. Érico Amaral

Porto Alegre

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretora do CINTED: Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação:

Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Agradecimentos

Nos momentos de construção, semelhante a este, há pessoas que marcam e proporcionam oportunidades de crescer e ser:

- ao Prof. Mestre Érico Amaral por toda a orientação científica, dedicação, paciência e afetividade;

- aos meus alunos que participaram deste projeto, e à direção da Escola que, com o potencial de acreditar sempre, apoiou a implantação do projeto;

- às monitoras dos semestres anteriores — Prof. Doutora Maira Bernardi e Prof. Rejane Bom — por terem proporcionado a caminhada até este momento;

- ao incondicional amor da minha família;

- e, a Deus, por proporcionar a existência de todos os acima citados, o meu agradecimento!

RESUMO

A presente monografia propõe-se a analisar a utilização de Redes Sociais Virtuais e Ferramentas Colaborativas, Facebook e o Google Docs., na disciplina de Seminário Integrado, introduzida no Ensino Médio Politécnico no Estado do Rio Grande do Sul, em 2012. Organizada em projetos e ministrada no turno inverso, essa disciplina gerou problemas relativos à frequência dos alunos, tornando-se necessária a criação de uma alternativa de comunicação e orientação entre as partes para interagir nos projetos. A pesquisa abarcou o período de abril a outubro de 2012. O método adotado foi o de estudo de caso combinado com o de pesquisa-ação, aplicado em duas turmas de 1ª série do Ensino Médio Politécnico da EEEM Guarani em Canoas/RS. A coleta de dados deu-se através de pesquisas qualitativa e quantitativa. A preparação, a formatação e as informações coletadas para este trabalho foram armazenadas desde abril de 2012, e durante o terceiro trimestre escolar, período compreendido entre setembro e outubro de 2012 ocorreu à execução do projeto, mediante a realização por parte dos alunos de uma pesquisa com tema livre realizada individualmente ou em duplas, contendo todos os elementos textuais previstos, utilizando o Facebook e o Google Docs. como principal meio de comunicação e orientação. Os resultados demonstram que a FC, se bem aplicada e com orientação e dedicação constantes por parte do professor atinge a eficácia esperada com seu uso.

Palavras-chave: Disciplina de Seminário Integrado; Redes Sociais Virtuais e Ferramentas Colaborativas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|---|
| CV | Comunidade Virtual |
| EM | Ensino Médio |
| EMP | Ensino Médio Politécnico |
| FC | Ferramentas Colaborativas |
| GD | Google Docs. |
| MOODLE | Modular Object Oriented Distance Learning |
| RS | Rio Grande do Sul |
| RSV | Redes Sociais Virtuais |
| SEDUC/RS | Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul |
| SI | Seminário Integrado |
| TIC | Tecnologia da Informação e Comunicação |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| FIGURA 1: FIGURA ILUSTRATIVA DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS..... | 20 |
| FIGURA 2: FIGURA ILUSTRATIVA DAS FERRAMENTAS COLABORATIVAS | 23 |
| FIGURA 3: MAPA CONCEITUAL DAS ETAPAS DO PROJETO | 28 |
| FIGURA 4: MAPA CONCEITUAL DA METODOLOGIA DO PROJETO..... | 29 |
| FIGURA 5: MAPA CONCEITUAL DA EXECUÇÃO DO PROJETO..... | 32 |
| FIGURA 6: MODELO DA PESQUISA REALIZADA EM ABR/2012..... | 34 |
| FIGURA 7: EMAIL ENVIADO AOS ALUNOS INFORMANDO O LINK DO GOOGLE DOCS. | 37 |
| FIGURA 8: EMAIL DE CONFIRMAÇÃO DE COMPARTILHAMENTO | 37 |
| FIGURA 9: EXEMPLO DE UMA PÁGINA COMPARTILHADA DE FORMA ERRADA | 38 |
| FIGURA 10: TELA DO GOOGLE DOCS. COM OS ARQUIVOS COMPARTILHADOS | 39 |
| FIGURA 11: TELA DO FACEBOOK COM DIÁLOGO | 39 |
| FIGURA 12: COMUNICAÇÃO ONLINE VIA GOOGLE DOCS..... | 40 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| GRÁFICO 1 - LOCAL ONDE OS ALUNOS ACESSAM A INTERNET | 35 |
| GRÁFICO 2 - DEMONSTRATIVO DA COMUNICAÇÃO ONLINE COM PROFESSORES..... | 35 |
| GRÁFICO 3 - REDES SOCIAIS VIRTUAIS UTILIZADAS PELOS ALUNOS..... | 36 |
| GRÁFICO 4 – COMPARATIVO ENTRE ABR E OUT/2012 SOBRE COMUNICAÇÃO ONLINE COM PROFESSORES | 41 |
| GRÁFICO 5: COMPARATIVO ENTRE ABR E OUT/2012 SOBRE O USO DO GOOGLE DOCS. | 42 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| AGRADECIMENTOS..... | 4 |
| RESUMO | 5 |
| LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS..... | 6 |
| LISTA DE FIGURAS..... | 7 |
| LISTA DE GRÁFICOS..... | 8 |
| SUMÁRIO..... | 9 |
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1.1 OBJETIVO..... | 12 |
| 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... | 12 |
| 1.3 JUSTIFICATIVA | 13 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO | 15 |
| 2.1 ENSINO MÉDIO POLITÉCNICO — EMP | 15 |
| 2.2 DISCIPLINA DE SEMINÁRIO INTEGRADO (SI) | 16 |
| 2.3 TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO..... | 18 |
| 2.4 REDES SOCIAIS VIRTUAIS (RSV)..... | 19 |
| 2.5 ORKUT..... | 21 |
| 2.6 FACEBOOK..... | 22 |
| 2.7 FERRAMENTAS COLABORATIVAS (FC)..... | 23 |
| 2.8 MOODLE..... | 24 |
| 2.9 GOOGLE DOCS. (GD) | 25 |
| 2.10 METODOLOGIA | 29 |
| 2.11 EXECUÇÃO DO PROJETO | 30 |
| 2.11.1 Diagnóstico em abr/2012 | 33 |
| 2.11.2 Criação e validação de e-mails, Facebook e GD. | 36 |
| 2.11.3 Criação de documentos compartilhados | 37 |
| 2.11.4 Realização de trabalhos via Google Docs..... | 38 |
| 2.12 RESULTADOS DO PROJETO - OUT/2012 | 40 |
| 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 44 |
| 4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS..... | 46 |

1 INTRODUÇÃO

Nesta monografia trata-se sobre a utilização de Redes Sociais Virtuais e Ferramentas Colaborativas como coadjuvantes da disciplina de Seminário Integrado que foi introduzida em conjunto com o novo Ensino Médio Politécnico (EMP)¹, em 2012, no estado do Rio Grande do Sul (RS). Segundo dados da Secretaria de Educação (SEDUC/RS), o antigo Ensino Médio² apresentava índices de abandono (13%), especialmente no primeiro ano, e de reprovação (21,7%) no decorrer do curso, o que reforça a necessidade de priorizar o trabalho pedagógico, visando diminuir esses índices. A grade curricular foi modificada com a introdução dessa disciplina e tem como proposta básica o aprofundamento da articulação das áreas de conhecimento e suas tecnologias, embasada nos eixos Cultura, Ciência, Tecnologia e Trabalho enquanto princípio educativo³, o que demanda uma formação interdisciplinar, tendo como ponto de partida a inserção social.

Essa nova disciplina é organizada em projetos elaborados a partir de pesquisa que evidencie a necessidade e/ou surja uma situação problema, sob os enfoques ou temáticas escolhidas a serem realizados desde a primeira série do EMP e em complexidade crescente — dividida nos três anos subsequentes — sendo formada em espaços de comunicação, socialização, planejamento e avaliação das vivências e práticas do curso, conforme orientações da SEDUC/RS⁴.

¹ EMP tem sua concepção na base na dimensão politécnica, com aprofundamento da articulação das áreas de conhecimentos e suas tecnologias, com os eixos Cultura, Ciência, Tecnologia e Trabalho (SEDUC/RS, 2011).

² EM é a etapa final da educação básica, em continuidade ao ensino fundamental (BRASIL, LEI nº 9.394/96, art. 22).

³ Entende-se que é “pelo trabalho que os seres humanos produzem conhecimento, desenvolvem e consolidam sua concepção de mundo, conformam as consciências, viabilizando a convivência, transformam a natureza construindo a sociedade e fazem história” (SEDUC/RS, 2011, p.13), definindo-se, assim, o trabalho como princípio educativo.

⁴ SEDUC/RS – Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul.

Com o advento da internet as informações começaram a circular a uma velocidade sem precedentes na história. Em concomitância, surgiram as Comunidades Virtuais (CV) e as Redes Sociais Virtuais (RSV) que agregam um universo de pessoas que partilham os mesmos interesses ou tenham as mesmas afinidades e que usam o espaço virtual para se comunicar e interagir.

Mas o uso da Internet não ficou restrito a eventos sociais ou simplesmente a troca de mensagens, fotos ou aplicativos de lazer. Por questões de falta de tempo e de mobilidade por parte das pessoas de uma forma geral, surgiu a necessidade de um meio em que houvesse a possibilidade não somente de formar uma biblioteca virtual, mas a de gerar um espaço em que elas pudessem construir seus documentos de forma coletiva e simultânea, vencendo a barreira da distância.

A introdução da disciplina de Seminário Integrado deve, preferencialmente, utilizar o turno inverso das aulas, conforme orientações da SEDUC/RS, portanto, observaram-se algumas dificuldades relativas à presença dos alunos, pois, muitos deles já possuem atividades nesse turno, entre as quais: cursos, estágios, trabalho, ou necessidade de permanência em casa para cuidar de familiares. Refletindo-se sobre essas dificuldades no intuito de solucionar o problema sem prejuízo aos alunos, propôs-se, então, um método alternativo ao tradicional de orientação e acompanhamento presencial das atividades: trabalhar a disciplina, de forma interativa⁵, mediante as Redes Sociais Virtuais e Ferramentas Colaborativas. Surgiu, então, a situação-problema: Essa alternativa seria capaz de fazer cumprir o planejamento, a execução e a avaliação da Proposta Pedagógica prevista no Projeto Político Pedagógico⁶ para essa disciplina que foi criada como uma das alternativas para contribuir com a redução dos índices de abandono e reprovação nessas séries?

No intuito de responder ao questionamento, estruturou-se a presente monografia em quatro capítulos: no primeiro introduz-se o tema, o contexto da

⁵ De modo geral, explica Wersig (1993), o termo interatividade “ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação”.

⁶ Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, uma das “incumbências” de todas as escolas é a de “elaborar e executar sua proposta pedagógica”, com a participação dos professores e dos demais segmentos da comunidade escolar, criando, assim, o Projeto Político Pedagógico.

pesquisa, os objetivos gerais e específicos, a justificativa e os métodos adotados; no segundo cita-se o referencial teórico utilizado sobre o Ensino Médio Politécnico, a disciplina de Seminário Integrado, as Tecnologias da Informação e Comunicação, as Redes Sociais Virtuais e as Ferramentas Colaborativas; no terceiro descrevem-se a metodologia, a execução e a apresentação dos resultados do projeto. No último e quarto capítulo apresentam-se as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

1.1 Objetivo

O objetivo geral deste estudo centra-se em verificar se o uso de Redes Sociais Virtuais (RSV) e Ferramentas Colaborativas (FC) como instrumentos auxiliares na execução de tarefas dos projetos da disciplina de Seminário Integrado (SI) são eficazes.

1.2 Objetivos específicos

Fragmentando-se o objetivo geral pretende-se:

- diagnosticar qual a disponibilidade de os alunos acessarem a internet e de utilizarem softwares para realizar as tarefas propostas;
- verificar qual é o grau de conhecimento e de utilização de RSV e FC por parte dos alunos;
- definir o conceito de RSV e identificar qual a mais utilizada pelos alunos;
- definir o conceito de FC e identificar qual delas se adapta melhor à realidade dos alunos da escola;
- ensinar os alunos a utilizarem RSV e FC;
- executar um projeto utilizando-se uma RSV e uma FC como um dos meios de comunicação e orientação aos alunos;
- avaliar os resultados e propor alterações se necessário.

1.3 Justificativa

O interesse pelo tema surgiu pela necessidade de encontrar uma forma de colaborar pelo menos em parte, na diminuição dos indicadores de evasão no Ensino Médio (EM) do Estado do Rio Grande do Sul, partindo-se do fato que a SEDUC modificou a grade curricular do EM, em uma nova Proposta Pedagógica, mediante a introdução de uma nova disciplina denominada Seminário Integrado (SI). Essa disciplina é ministrada em turno inverso ao das aulas normais e, portanto, surgiram problemas relativos à presença dos alunos, os quais já haviam assumido, nesse turno, outros compromissos. Considerando-se essas dificuldades tornou-se necessária a criação de uma alternativa de comunicação e orientação entre as partes para que ambas pudessem interagir no projeto, utilizando-se as Redes Sociais Virtuais e as Ferramentas Colaborativas como coadjuvantes para implantar essa nova disciplina.

1.4 Método de pesquisa

O método é a forma de legitimar um conhecimento adquirido empiricamente, evidenciando um conjunto de passos (CAMPOMAR, 1991), todavia, método e teoria são considerados independentes, mas não devem ser pensados isoladamente. A finalidade metodológica da pesquisa é definida a partir de dilemas e escolhas teóricas expostas. Assim, para este estudo, adotou-se a estratégia de pesquisa fundada no método de estudo de caso combinado com o método de pesquisa-ação.

O método de estudo de caso possibilita averiguar em profundidade o elemento observado a partir de distintas fontes de evidências e unifica informações detalhadas. A observação participante, segundo Yin (2005), “[...] é uma modalidade de observação em que o observador assume uma postura ativa e participa dos eventos que estão sendo estudados”. O estudo de caso pode contribuir muito para com os problemas da prática educacional.

Por sua vez, o método de pesquisa-ação aplica-se a projetos em que os pesquisadores buscam realizar modificações em suas próprias práticas, logo,

qualquer tipo de ponderação sobre a ação pode ser denominado pesquisa-ação.

No entender de Minayo,

[...] a pesquisa-ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada com estreita associação com uma ação ou uma realização de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os representantes participativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (1994, p.26).

A pesquisa-ação educacional, diz Tripp (2005), “[...] é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”. Assim, essa combinação de dois métodos permitiu que se elaborasse o projeto inicial, executado, após, em conjunto na comunidade escolar – duas turmas de Ensino Médio – visando uma nova alternativa pedagógica para alcançar os objetivos aqui propostos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo apresentam-se os aspectos, características, definições e conceitos sobre o Ensino Médio Politécnico, fundamentados na SEDUC e outros autores, em relação à disciplina de Seminário Integrado, as Tecnologias da Informação e Comunicação, às Redes Sociais Virtuais e às Ferramentas Colaborativas.

2.1 Ensino Médio Politécnico — EMP

Segundo dados da SEDUC/RS, os índices de abandono (13%), principalmente na primeira série, e de reprovação (21,7%) no transcorrer do curso do EM são muito elevados. Na tentativa de reduzir estes índices, a partir do ano de 2012 o Ensino Médio no Rio Grande do Sul passou a ser denominado Ensino Médio Politécnico (EMP) que busca aprofundar a vinculação das áreas de conhecimento e suas tecnologias, com os quatro eixos: Cultura, Ciência, Tecnologia e Trabalho. Esse ensino tem, no trabalho, o princípio educativo, partindo do pressuposto de que é pelo trabalho que o homem produz conhecimento, desenvolve e consolida sua percepção de mundo, viabiliza a convivência, transforma a natureza, constrói a sociedade e faz história, reconhecendo, assim, que os projetos pedagógicos de cada período expressam as necessidades educativas definidas pelas formas de estabelecer a produção e a vida social.

O novo princípio educativo do trabalho, ao distinguir a intelectualização das competências⁷, como categoria fundamental da formação, retoma a clássica compreensão de politécnia, concebida como domínio intelectual de técnicas.

⁷ Conforme o Sr. Eucleio Zanetti, Membro do Conselho de Educação do SENAI/RS: “Competência é a habilidade desenvolvida para a aplicação do conhecimento a fim de se obter resultados com excelência” (Palestra SENAI, maio de 2012).

Na definição de Saviani, politecnicidade é “[...] o domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno” (1989, p. 17). Ou, na acepção de Gramsci (1978), politecnicidade pode ser traduzida como o ato de

[...] pensar políticas públicas voltadas para a educação escolar integrada ao trabalho, à ciência e à cultura, que desenvolva as bases científicas, técnicas e tecnológicas necessárias à produção da existência e a consciência dos direitos políticos, sociais e culturais e a capacidade de atingi-los.

O Ensino Médio Politécnico deve vincular:

– “[...] uma formação geral sólida, que advém de uma integração com o nível de ensino fundamental, numa relação vertical, constituindo-se efetivamente como uma etapa da Educação Básica” (SEDUC/RS, 2011, p.22);

- e uma parte diversificada que, segundo a própria SEDUC/RS, deve ser atrelada à atividade da vida e do mundo do trabalho, que se revele por uma estreita articulação com as relações do trabalho, com os setores da produção e suas repercussões na construção da cidadania, com o objetivo de proporcionar a transformação social que se concretiza nos meios de produção voltados a um desenvolvimento econômico, social e ambiental, em uma sociedade que garanta qualidade de vida para todos.

Essa parte diversificada será ministrada mediante uma nova disciplina denominada Seminário Integrado, que considera o diálogo entre as áreas de conhecimento e prioriza o seu significado social sob os critérios formais inerentes à lógica disciplinar.

2.2 Disciplina de Seminário integrado (SI)

Os Seminários Integrados (SI) são espaços a serem preenchidos desde a primeira série do EMP e, em complexidade crescente, estabelecem o programa, o cumprimento e a avaliação de todo o projeto político-pedagógico, de modo coletivo, incentivando a cooperação, a solidariedade e o protagonismo do jovem adulto (SEDUC/RS, 2011, p. 25). Ainda conforme orientações da SEDUC/RS serão acrescidas 600h às atuais 2.400h do EM, totalizando 3.000 horas em cada série. O SI será gradualmente implantado, utilizando-se o

aumento da atual carga horária em conjunto com uma redistribuição da carga horária atual das demais disciplinas, proporcionalmente distribuída na primeira, segunda e terceira série, com 250h, 500h e 750 horas, respectivamente, constituindo-se em espaços de comunicação, socialização, planejamento e avaliação das vivências e práticas do curso.

O desenvolvimento de projetos que envolvam aprendizados, cursos, estágios e vivências também poderá ocorrer fora do ambiente escolar e do turno em que o aluno estuda. Para tanto, deve estar prevista a ação de acompanhamento por um educador durante o projeto.

De acordo com o diretor pedagógico da SEDUC/RS, Silvio Rocha no documento do Regimento Referência das Escolas de Ensino Médio Politécnico da Rede Estadual. (Janeiro de 2012), o Seminário integrado se embasa em três eixos fundamentais:

- articulador e problematizador⁸ do currículo - possibilitando olhar crítico e participativo entre alunos e professores. A ação pedagógica pode ser constituída a partir de eixos conceituais — cultura, tecnologia e trabalho, infraestrutura e organização social;

- integrador dos conhecimentos formais com conhecimentos e realidades sociais, por isso interdisciplinar. A ação pedagógica pode-se efetivar por meio de eixos temáticos transversais — meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, comunicação e uso de mídias, educação econômica, etc.;

- edificador de um espaço de produção de conhecimento por meio de postura de investigação, por familiarizar alunos com a elaboração de projetos de pesquisa, relatórios minuciosos e organização de encontros científicos. A ação pedagógica nesse eixo se efetiva por meio de linhas de pesquisa, pois considera o aluno capaz de produzir hipóteses, elaborá-las e apresentá-las.

⁸ Diz-se de quem ou do que levanta problemas ou questões: Uma pedagogia problematizadora implica um diálogo constante entre alunos e professor. O educador é antes um problematizador do que um facilitador. (<http://aulete.uol.com.br/problematizador>)

2.3 Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação

A cada dia aparecem novos recursos disponíveis aos alunos. Passou-se, rapidamente, da fita K sete para o Iphone, a uma velocidade sem precedentes na história. Recentemente, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) — conjunto de recursos tecnológicos — estão sendo utilizadas de forma integrada, com um objetivo comum, na área da educação. Nas palavras de Almeida (apud FERNANDES, 2010, web), “em um mundo cada vez mais globalizado, utilizar as novas tecnologias de forma integrada ao projeto pedagógico é uma maneira de se aproximar da geração que está nos bancos escolares”. Isto porque, no dizer de Souza (2007) e Machado (2008), as TIC conseguem imprimir um novo ritmo e um novo conceito de aula. No entanto, a maioria das escolas (da rede pública) e de seus professores ainda não está capacitada para acompanhar esse processo, e sem essa capacitação os recursos tecnológicos se transformam em adornos sem significado para alunos e professores. Concorde-se, portanto, com Moran quando afirma:

[...] a qualidade de um ambiente tecnológico de ensino depende muito mais de como ele é explorado didaticamente, do que de suas características técnicas. A simples presença de novas tecnologias na escola não é por si só, garantia de maior qualidade na educação, pois a modernidade pode mascarar um ensino tradicional, baseado na recepção e na memorização de informações (2000).

As TIC propiciam o compartilhar de informações e podem contribuir para que o professor gere mais possibilidades de trocas pedagógicas. Conforme defende Pontes, a aprendizagem de vários conteúdos pode ser auxiliada pela Inteligência artificial através de técnicas de simulação e de modelação cognitiva. São as possibilidades alternativas para a elaboração de projetos e reflexões críticas propiciadores da expressão criativa em espaços de interação e comunicação. Além disso, em âmbito geral, a tecnologia cada vez mais, se insere no mundo do trabalho, é parte dele, e permite que se contextualizem os conhecimentos de todas as áreas e disciplinas, sendo cada área resultado da importância que ela tem na educação geral e não mais apenas na profissional, conforme orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2006).

Com o uso das inovações tecnológicas a aula pode ser mais dinâmica. O professor sente-se impulsionado a obrigação não só de aprender a usar constantemente novos equipamentos, programas, e estar a par das novidades, a fim de, segundo Pontes (2000),

(...) encontrar formas produtivas e viáveis de integrar as TIC no processo de ensino aprendizagem, no quadro dos currículos atuais e dentro dos condicionalismos existentes em cada escola. O professor, em suma, tem de ser um explorador capaz de perceber o que lhe pode interessar, e de aprender, por si só ou em conjunto com os colegas mais próximos, a tirar partido das respectivas potencialidades (p.15).

As TIC são elementos fundamentais para dar forma ao ambiente social, facilitando a mediação de diversos conteúdos que fazem parte da prática de ensino. Entretanto, o grande desafio para o uso das TIC em sala de aula tem sido a incipiente capacitação dos professores aliada ao fato de que alguns deles ainda as temem quando são introduzidas nas escolas. Por sua vez, muitas escolas não conseguem interligar esses instrumentos às atividades regulares de sala de aula.

2.4 Redes Sociais Virtuais (RSV)

Pode-se dizer que o surgimento das redes sociais data do início da civilização, quando o homem se reunia em torno de uma fogueira para compartilhar gostos e interesses, com a necessidade de dividir com o outro, de criar laços sociais norteados por afinidades. No dizer de Weber, “chamamos de comunidade a uma relação social à medida que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal, baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes” (1987, p.77).

Com a internet surgiram as Comunidades Virtuais (CV) que apresentam uma multiplicidade de caminhos por onde a informação pode circular, não havendo obstáculos à sua divulgação. São ciberespaços⁹, onde os usuários criam perfis pessoais, compartilham essas informações e os demais recursos

⁹ O ciberespaço pode ser entendido “como o lugar onde estamos quando entramos em um ambiente virtual” (Lévy, 1999, p.94).

— vídeos, fotos, mapas, entre outros. Além disso, participam de comunicações instantâneas e fóruns. Castells (1999, p.385) refere-se à CV “como uma rede eletrônica de comunicação interativa autodefinida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhada, embora algumas vezes a própria comunicação se transforme no objetivo”. Contudo, existem também algumas desvantagens decorrentes da utilização dessas ferramentas: a má gestão pode gerar sérios riscos para a privacidade dos seus utilizadores.



Figura 1: Figura Ilustrativa das Redes Sociais Virtuais

Rheingold (1996) assim define a expressão “comunidade virtual”:

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço] (p. 20).

As RSV agregam um universo de pessoas que partilham os mesmos interesses ou tenham as mesmas afinidades e que usam o espaço virtual para comunicar e interagir. Nessa lógica, segundo Machado e Tijiboy (2005), surgem alguns softwares sociais capazes de agregarem em si uma infinidade

de comunidades virtuais, promovendo maior interação entre as pessoas, por exemplo, o Orkut e o Facebook.

2.5 Orkut

O Orkut foi criado em janeiro de 2004 pelo engenheiro turco, funcionário da Google, Orkut Büyükkökten. “O software social nasceu com a finalidade de fazer com que os membros da Google criassem novas amizades e mantivessem relacionamentos, procurando estabelecer um círculo social” (LISBOA, 2010, p.10).

Seguindo a linha de pensamento de Bottentuit Júnior & Coutinho (2007), o Orkut permite a criação e edição da informação por parte dos utilizadores de forma fácil e simples. É um software social gratuito e imediato, que tem como objetivo principal a criação de laços de amizade, permitindo a cada utilizador criar um perfil virtual público ou semipúblico dentro de um sistema com regras, de forma a ocorrer cruzamento de dados com outros utilizadores associados que pode favorecer o relacionamento *on-line* com outras pessoas em todo o mundo. Esse software também permite criar comunidades, fóruns e inquéritos sobre os mais variados temas. Essa ferramenta favorece principalmente a escrita e o estímulo à discussão e ao debate, pois o número de estudos que versam sobre as potencialidades educativas da ferramenta, e a quantidade e qualidade das comunidades nesse ambiente cresce a cada dia (LISBOA, 2010).

Na plataforma virtual do Orkut cada usuário cria uma página pessoal, a qual pode ser acessada somente por aqueles que o autor autorizar — solicitação de amizade —, e ele pode, ainda, livremente escolher ou criar uma comunidade. Nessa página, a sua rede de amigos aparece em formato de ícones, do mesmo modo que os ícones das comunidades às quais pertença. Objetivamente, participar de uma comunidade significa poder participar das discussões propostas pelos seus membros, e estar em contato com pessoas que se interessam pelos mesmos assuntos. Subjetivamente, participar de uma comunidade no Orkut pode significar a construção de uma identificação pessoal, e é fácil acessar a página de um desconhecido e logo “identificar”

quem ele é a partir da lista de comunidades das quais participa (MAGNANI, 1992).

2.6 Facebook

O Facebook foi criado em fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes da Universidade de Harvard, no início funcionava de forma restrita somente para estudantes de Harvard, com o passar do tempo foi se expandindo a outros campos estudantis e somente em 2006, qualquer usuário, com mais de 13 anos, poderia criar o seu perfil no *Facebook*.

Apesar de ter aberto espaço para outros públicos, a meta dessa rede social foi preservada. Ela existe em função de permitir o compartilhamento de informações entre as pessoas, é gratuito para os usuários e sua receita provém da publicidade. Os usuários criam perfis que incluem listas e fotos de interesses pessoais, trocando mensagens entre si e com os participantes de grupos de amigos. A visualização de dados detalhados dos membros é restrita aos membros de uma mesma rede ou amigos confirmados, ou pode ser livre para qualquer um. O *Face*, como é mais conhecido, também possui aplicativos, com os mais diversos assuntos e eventos, a partir dos quais a pessoa pode convidar todos seus amigos para determinado evento.

O Brasil é o terceiro maior país em número de usuários do *Facebook*, segundo dados divulgados pelo site de marketing social *SocialBakers*. Segundo informações do site G1 notícias, 18/04/2012, o país tem 44,6 milhões de usuários, perdendo para os Estados Unidos, que está em primeiro lugar, com 156,8 milhões de membros, e Índia, na segunda posição, com 45,7 milhões.

O ponto forte do *Face* são seus inúmeros aplicativos que possibilitam a criação de depoimentos, o que garante maior confiabilidade ao consultar seu perfil.

De todas as ferramentas e sites que permitem compartilhar links, o Facebook é o maior sucesso, com 44% de todo o conteúdo compartilhado na web. Uma das desvantagens das redes sociais é não saber o que os usuários fazem além de seus muros. Mark Zuckerberg modificou isso com o Facebook

Connect, que permite ao usuário fazer seu nome e senha uma espécie de Registro Geral digital para navegar em outras paginas da web. Quando esse sistema de autenticação chegou aos sites noticiosos, o Facebook deu um passo e tanto para se tornar mais relevante. O perfil no Facebook virou a identidade do internauta na web (Revista INFO, 2011, p.25).

2.7 Ferramentas Colaborativas (FC)

Nos últimos anos, as práticas pedagógicas têm passado por grandes mudanças, distanciando-se da aula tradicional para um modelo mais flexível, em que grupos de estudantes trabalham em conjunto para atingirem um objetivo comum. O conceito de aprendizagem colaborativa tem sido testado e implementado por teóricos, pesquisadores e educadores desde o século XVIII (IRALA e TORRES, 2004).



Figura 2: Figura ilustrativa das Ferramentas Colaborativas

De acordo com O'Reilly (2004), se está saindo de um modelo em que se era mero consumidor do que existia *on-line* para um modelo em que também se é produtor e participante ativo na construção das informações e conteúdos disponibilizados na rede. Essa revolução foi possível graças ao desenvolvimento de uma série de aplicativos que facilitaram a tarefa de criar e gerir espaços virtuais, o que pode ser justificado pela existência de muitas ferramentas disponibilizadas de forma gratuita, as quais têm contribuído para

que as pessoas possam colaborar e também construir conhecimentos sob uma lógica de “arquitetura de participação” (O’REILLY, 2004).

De acordo com Levy (1999), esses ambientes primam por uma aprendizagem que tem como lema o “aprender fazendo”, em que a colaboração e contribuição de todos os utilizadores do ciberespaço constituem-se como mais-valia na construção do conhecimento. O importante é que o produto final seja fruto de constantes análises reflexivas e da reorganização do pensamento do grupo, pois, diz Vygostky, o ser humano aprende em constante interação com o meio social. Sob essa perspectiva, apresentam-se as ferramentas colaborativas — *Modular Object Oriented Distance Learning* (MOODLE), e o *Google Docs.*, softwares auxiliares para o desenvolvimento de tarefas realizadas por um grupo que busca, mediante trabalho coletivo, elaborar um projeto ou um objetivo em comum. A partir da produção coletiva proporcionada por essas ferramentas é possível compreender que novas formas de cooperação, construção do conhecimento, inteligência coletiva e atividades de colaboração podem ser potencializadas.

2.8 MOODLE

O *Modular Object Oriented Distance Learning* (MOODLE) é um Sistema de Gerenciamento de Aprendizagem (SGA) em trabalho colaborativo, criado em 2001. A proposta do *MOODLE*, segundo Martin Dougiamas, desenvolvedor do projeto que lidera, até hoje, a proposta é bastante diferenciada. Trata-se de aprender em colaboração no ambiente *on-line*, baseando-se na pedagogia socioconstrutivista¹⁰.

O MOODLE é um sistema de administração de atividades educacionais destinado à criação de comunidades *on-line*, em ambientes virtuais voltados à aprendizagem, que também pode ser definido como um sistema modular de ensino à distância orientado a objetos. O termo “orientado a objetos” está, em verdade, relacionado à maneira como o sistema foi construído, na prática.

¹⁰ Segundo Piaget, “o socioconstrutivismo propõe construir o conhecimento baseando-se nas relações dos alunos com a realidade, valorizando e aprofundando o que a criança já sabe. O conhecimento e a inteligência vão se desenvolvendo passo a passo, num processo de construção que é tão importante quanto o próprio conhecimento.”

Segundo Teodoro e Rocha (2007),

[...] o MOODLE é um sistema construído para criar ambientes virtuais voltados à aprendizagem [...]. Ou ainda, um [...] sistema para gerenciamento de cursos destinados a auxiliar educadores na implantação de cursos em um ambiente virtual [...].

Atualmente, esse sistema é utilizado em mais de 80 países e em centenas de instituições de ensino. É distribuído gratuitamente, sob licença do GNU-GPL¹¹, nomenclatura utilizada por Richard Stallman, em 1984, para designar *software* livre.

O conceito que serve de base para o *MOODLE* é possibilitar que o aluno atue ativamente na sua aprendizagem, obtendo um significado para seu novo aprendizado. Permite-se que aluno analise, investigue, colabore, compartilhe e, finalmente, construa seu conhecimento baseando-se no que já sabe. Na didática, é importante a percepção de que os estudantes já têm uma opinião preestabelecida, formada por sua própria experiência e aprendizados anteriores. A proposta do programa é criar oportunidades e permitir que todos possam expressar-se, promovendo e construindo novas ideias.

2.9 Google Docs. (GD)

Dentre as ferramentas disponíveis pela Google, destaca-se, aqui, o uso da ferramenta Google Docs. (GD), na condição de recurso pedagógico, possibilitando um espaço interativo e colaborativo para a construção do conhecimento.

O GD é um pacote de produtos que permite a interação e o intercâmbio de ideias, possibilita a troca de informações dos usuários e de interferirem nos processos de construção do conhecimento em um cenário de coparticipação e coautoria pelo fato de poderem criar diferentes tipos de documentos, trabalhar neles em tempo real com outras pessoas e armazená-los juntamente com outros arquivos. Tudo isso *on-line* e gratuitamente. Conectando-se à Internet é possível acessar documentos e arquivos a partir de qualquer computador, em qualquer lugar do mundo. Também é possível realizar algumas tarefas sem conexão à Internet.

¹¹ A licença GNU GPL (*General Public License*) garante que, na prática, um sistema pode ser livremente distribuído, modificado e aperfeiçoado.

É evidente que inúmeras possibilidades educacionais surgem à medida que as aplicações migram de uma máquina (de uso individual), presa a um espaço físico, para aplicações que estão em todo o espaço-tempo¹² e não mais localizadas em um hardware particular. As principais potencialidades dessa ferramenta estão no armazenamento e edição *on-line* de arquivos, na colaboração em tempo real com outras pessoas e na gratuidade. Não requer a instalação de software, a interface é simples e acessível, através da web, com a possibilidade de visualizar e editar documentos.

Seguindo a linha de pensamento de Lévy (1999), percebe-se que a gama de possibilidades educacionais que as novas tecnologias oferecem são inúmeras, porém, ainda, não exploradas em todas as suas potencialidades.

No que se refere à interatividade, Gonzales (2005, p.19) a define como “fenômeno elementar das relações humanas, dentre as quais estão as relações educacionais”, pois, diz Pierry Lévy, o novo papel do educador é ajudar os outros a aprender colaborativamente, não somente ensinar e transmitir conhecimento. Portanto, com a finalidade de construir um ambiente de aprendizagem colaborativa e interativa o GD presta-se à:

- Promover a colaboração e um ambiente criativo com os alunos, gravando projetos em conjunto de um grupo único;
- Facilitar a escrita como um processo, incentivando os alunos a escrever em um documento compartilhado com o professor;
- Acessar os trabalhos a qualquer momento, produzindo informações, ajudando a utilizar os comentários, recursos, e acompanhando melhor cada aluno;
- Incentivar a colaboração, possibilitando aos alunos trabalharem em conjunto em uma produção compartilhada e, em seguida, apresentá-la à classe.

O GD amplia as possibilidades educacionais para a construção de um ambiente de aprendizagem colaborativa, favorecendo a interação, a troca de

¹² Albert Einstein, sua Teoria da Relatividade, afirma: .Para localizar espacialmente um objeto são suficientes três medidas: de **comprimento**, **largura** e **altura**. Para localizar um evento, que ocorre durante um intervalo determinado, exige-se a noção adicional de **tempo**. Assim, combinando o primeiro sistema, tridimensional, com a medida de tempo, chega-se à noção de **espaço-tempo**.

ideias e a produção coletiva de textos, contribuindo para o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem. As trocas podem ser estabelecidas de forma positiva, possibilitando a criatividade, espírito crítico, discernimento, responsabilização e colaboração, entre outras características que se pretenda desenvolver nos alunos.

As vertentes de exploração da ferramenta GD aqui apresentadas centram-se, essencialmente, em aspectos de carácter pedagógico, relacionados diretamente ao processo de construção coletiva do conhecimento e na interação. Os educadores estão perante um novo recurso que pode suportar diversas estratégias de ensino-aprendizagem, e um dos seus aspectos favoráveis é o aumento das condições de uso de computadores nas escolas e o número de famílias com acesso à Internet.

Em suma, os professores têm à sua disposição um conjunto de ferramentas disponibilizadas pelo GD, o que proporciona um ambiente social e acessível a todos, um espaço de integração e de aprendizado colaborativo, pois, é atribuição dos educadores inovar as práticas educativas a fim de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais instigante e eficaz, conduzindo a uma melhora na qualidade da educação.

3 METODOLOGIA, EXECUÇÃO E RESULTADOS DO PROJETO.

Com base nos objetivos anteriormente expostos, neste capítulo exibem-se as etapas de metodologia, execução e avaliação do projeto, partindo-se do Mapa Conceitual expresso na Figura 3.

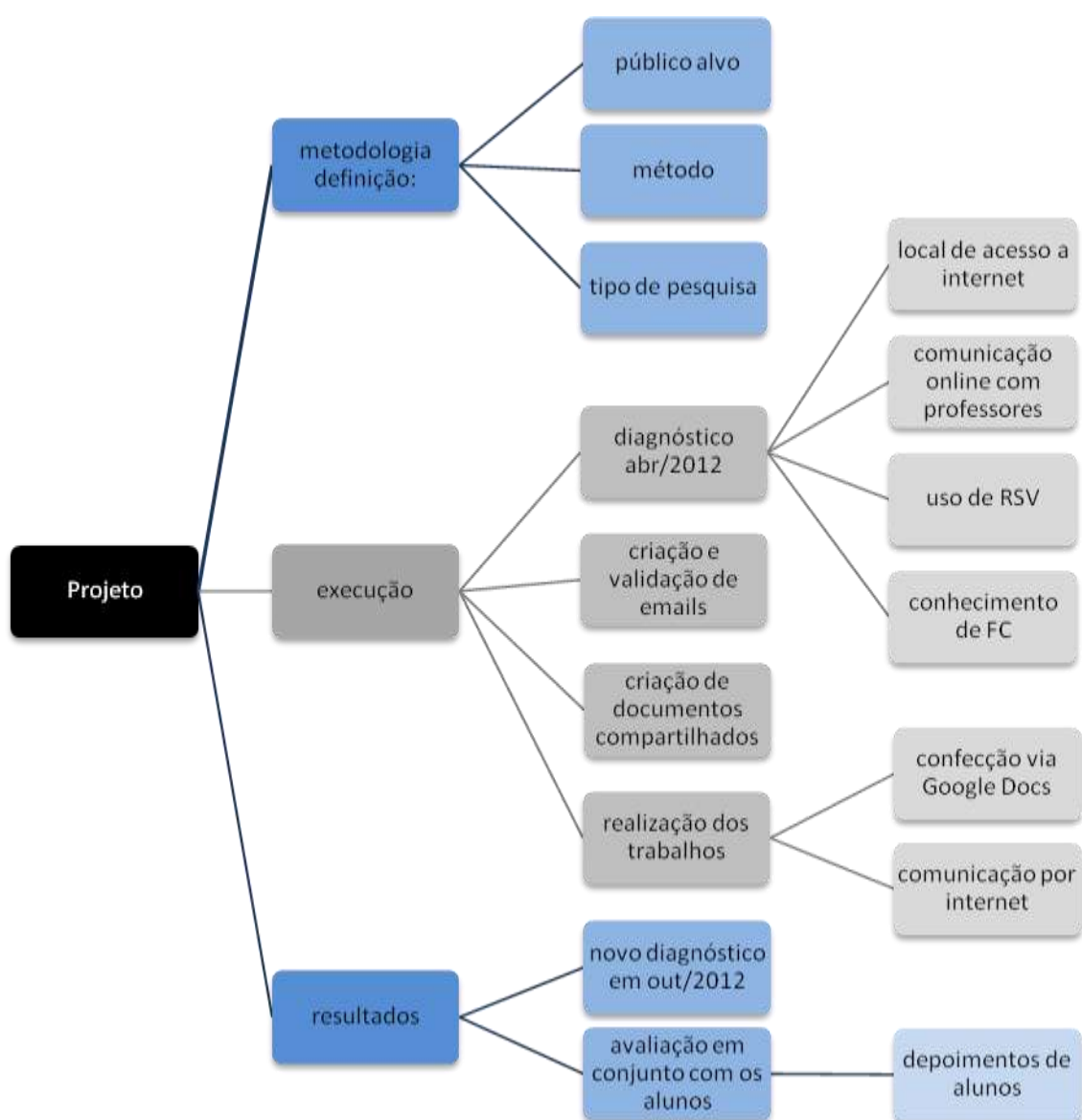


Figura 3: Mapa conceitual das etapas do projeto

3.1 Metodologia

A pesquisa foi realizada em Canoas/RS, na EEEM Guarani, na disciplina de SI, em duas turmas¹³ de 1ª série do Ensino Médio, totalizando 76 alunos em abr/2012. No decorrer do ano houve 17 transferências e 16 foram considerados infrequentes¹⁴, finalizando em out/2012 com 43 alunos frequentes¹⁵. Para a tabulação dos dados foram consideradas somente as informações dos alunos que permaneceram na escola, desconsiderando-se as dos demais.

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e quantitativa, foi de natureza aplicada, e como procedimento houve uma mescla de Estudo de Caso e Pesquisa-ação, conforme o Mapa Conceitual apresentado na Figura 4.

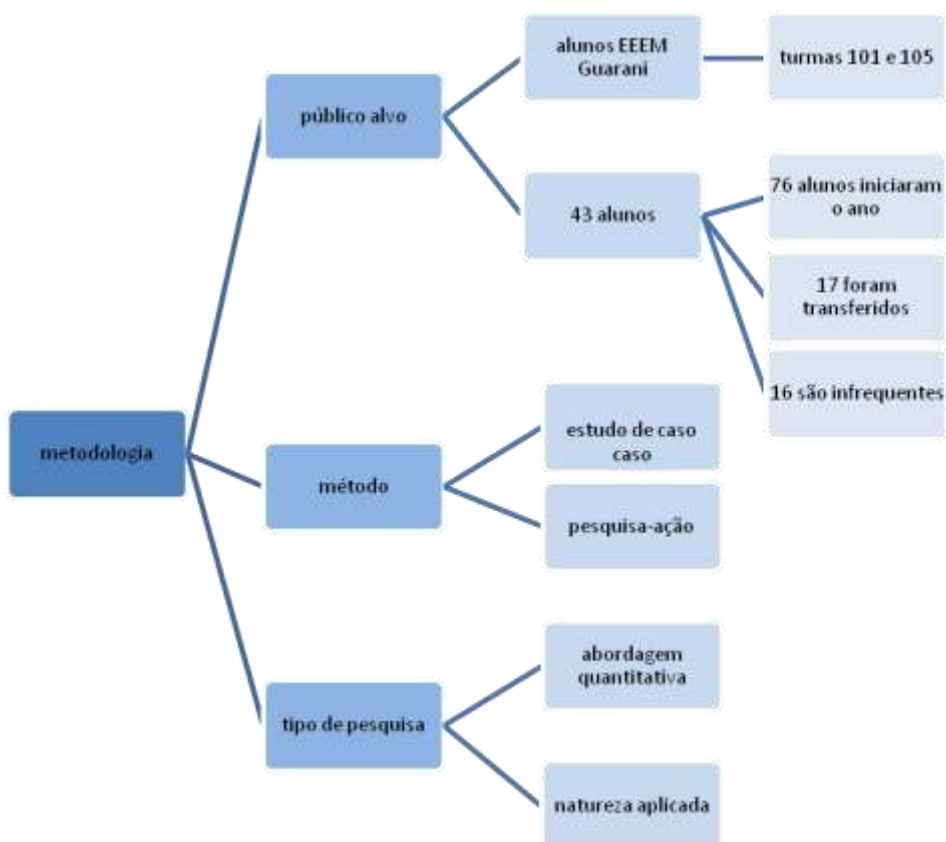


Figura 4: Mapa Conceitual da metodologia

¹³ Turmas 101 e 105 do turno da manhã.

¹⁴ Alunos infrequentes: são considerados os alunos com mais de 25% de faltas durante o período pesquisado.

¹⁵ Alunos frequentes: são considerados os alunos com, no mínimo, 75% de presença durante o período pesquisado.

As etapas de execução do projeto proposto obedeceram a três fases:

1ª fase - definição da metodologia de execução do projeto;

2ª fase - execução do projeto

- diagnóstico realizado em abr/2012;
- criação e validação de *e-mails*, *Facebook* e *GD*;
- criação de documentos compartilhados;
- elaboração de trabalhos via *Google Docs.*, e.

3ª fase – apresentação e avaliação (quantificação, creio) dos resultados do projeto concluído, em out/2012.

3.2 Execução do projeto

A disciplina de SI foi implantada no ano de 2012 em todo o estado do Rio Grande do Sul, e foram fornecidas linhas conceituais gerais sobre o modo de ministrá-la. Cada escola teve liberdade para realizar seu planejamento, considerando os três eixos fundamentais: articulador e problematizador do currículo; integrador dos conhecimentos formais com conhecimentos e realidades sociais; edificador de um espaço de produção de conhecimento por meio de postura de investigação, familiarizando alunos com a produção de projetos de pesquisa e relatórios analíticos.

As atividades de SI durante o ano foram assim distribuídas:

1º trimestre: Coleta, tratamento e apresentação dos dados de uma pesquisa preestabelecida e elaboração individual de um projeto de pesquisa com tema livre, identificando e descrevendo seus elementos.

2º trimestre: Elaboração individual de uma pesquisa sobre o tema profissões, identificando e descrevendo seus elementos.

3º trimestre: Elaboração individual ou em duplas de uma pesquisa com tema livre, identificando e descrevendo seus elementos, utilizando-se uma RSV e uma FC como coadjuvantes ao método tradicional de ensino.

Nos dois primeiros trimestres as tarefas foram executadas de modo tradicional, com a presença do aluno em sala de aula para as devidas orientações, e todas foram centradas na pesquisa pautada nas afirmações de Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p.32).

A quarta atividade, além da execução individual ou em duplas da pesquisa com tema livre, deu origem ao projeto, visando instigar e motivar os alunos, pois a ausência de motivação — problema em educação, a sua ausência representa queda de qualidade na aprendizagem.

Após definida a metodologia a execução do projeto foi dividida nas seguintes etapas:

- diagnóstico realizado em abr/2012;
- criação e validação de endereços de *e-mails*, *Facebook* e *GD*;
- criação de documentos compartilhados;
- elaboração de trabalhos via *Google Docs*..

A execução do projeto foi realizada conforme o Mapa Conceitual apresentado na Figura 5.

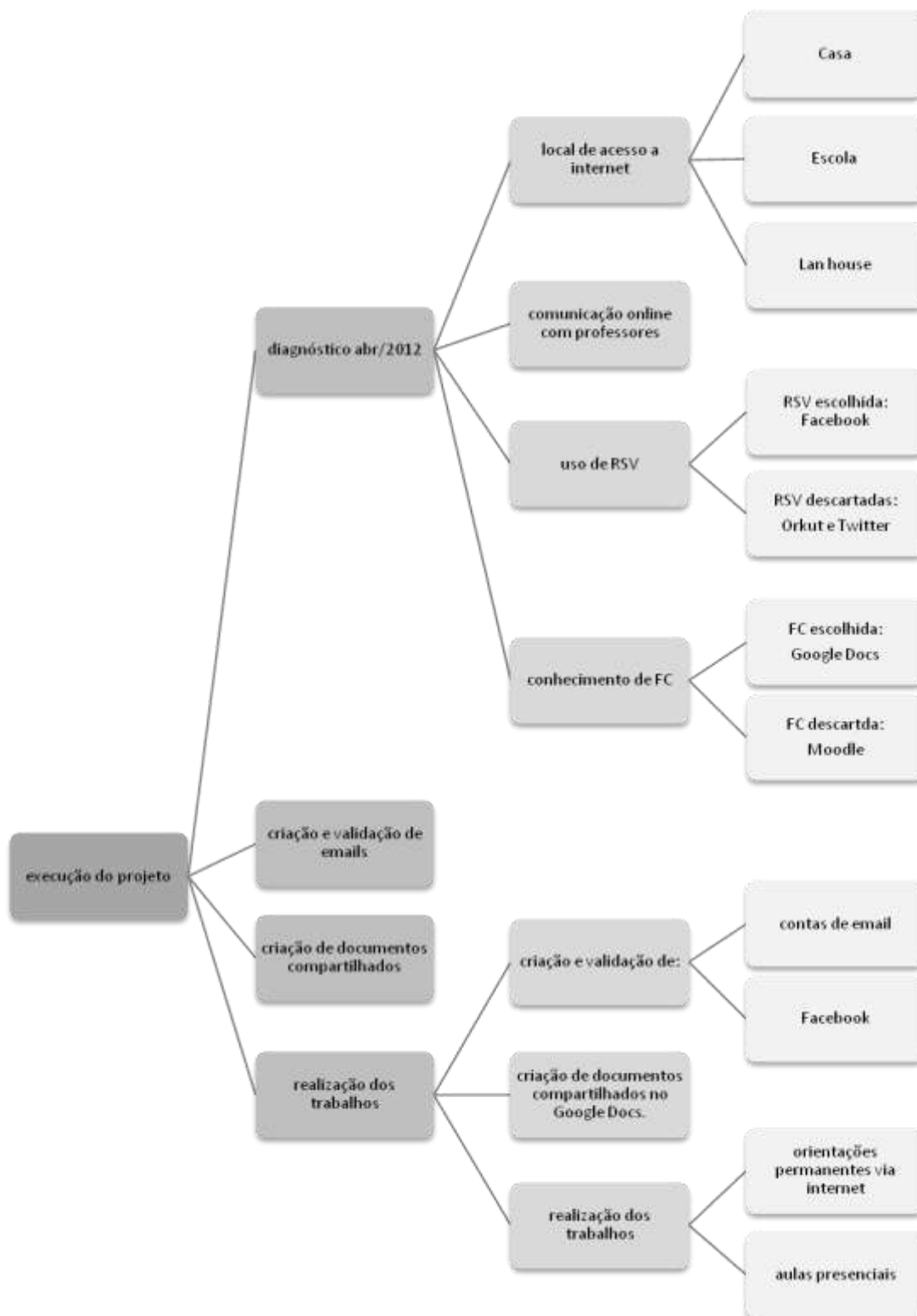


Figura 5: Mapa conceitual da execução do projeto

Entende-se que o fato de interagir na Internet para elaborar os trabalhos exerce forte motivação nos alunos, estimulando-os a participar mais de todas as atividades do projeto. Percebeu-se, conforme afirma Fonseca (1994) “a necessidade de repensar os processos de produção e difusão do conhecimento (...), criar novas formas de trabalho (...)”. Assim, além das aulas, houve um estimulante processo de comunicação virtual, junto com o presencial, constatando-se que, mais do que a tecnologia, o que facilita o processo de ensino-aprendizagem é a capacidade de comunicação autêntica do professor, de estabelecer relações de confiança com os seus alunos, pelo equilíbrio, competência com que atua.

3.2.1 Diagnóstico em abr/2012

O termo diagnóstico provém da medicina e está relacionado à seguinte regra: "antes de dosar e tratar, diagnosticar". No processo educativo, o termo diagnóstico é mais complexo, ampliado, no sentido de acompanhar os objetivos educacionais, sempre voltados para o processo do desenvolvimento integral da personalidade do aluno. Portanto, o diagnóstico escolar consiste na utilização de recursos, meios e processos técnicos com o objetivo de localizar e avaliar os problemas e dificuldades dos alunos, determinando suas causas, para preveni-las e corrigi-las.

Com o objetivo de diagnosticar qual a disponibilidade dos alunos de acesso à internet, quais as RSV mais utilizadas, seu conhecimento de FC e softwares diversos, realizou-se, em abril de 2012, uma pesquisa com os alunos das turmas 101 e 105, totalizando 62 alunos, mas, no decorrer do ano, ocorreram 15 transferências e quatro desistências. Foi considerado Para a tabulação final dos dados foram consideradas somente a informações fornecidas pelos alunos que permaneceram na escola, desconsiderando-se as dos demais.

A Figura 6 apresenta o questionário que serviu de base para a coleta e tabulação dos dados da pesquisa realizada em abril e, posteriormente, em out/2012.

| PESQUISA - ALUNOS DO 1º ANO - EEEM GUARANI - TURMAS 101 E 105 - CANOAS - ABRIL/2012 | | | | |
|---|------------------|-----------------------------|-----------------|--|
| Idade | () anos | | | |
| Você conhece a proposta no Novo Ensino Médio | () não | () sim | | |
| Você conhece a proposta da disciplina SI | () não | () sim | | |
| Sua escola tem laboratório de informática (Labin) | () não | () sim | | |
| Você usa o Labin | () não | () sim, em qual disciplina | | |
| Você gosta de usar o Labin | () sim | () não. Porque? | | |
| Tem computador em casa | () sim | () não, acesso em | | |
| Tem internet em casa | () sim | () não, acesso em | | |
| Utiliza o computador quantas horas por semana | () horas | | | |
| Destas horas quantas são para estudar | () horas | | | |
| Utiliza a internet quantas horas por semana | () horas | | | |
| Destas horas quantas são para estudar | () horas | | | |
| Se comunica com professores pela internet | () não | () sim, por qual meio | | |
| Quantas vezes por semana | () vezes | | | |
| Quantas são com fins educacionais | () vezes | | | |
| Voce sabe o que é uma rede social | () não | () sim, dê um exemplo | | |
| Voce sabe o que é uma ferramenta colaborativa | () não | () sim, dê um exemplo | | |
| Você utiliza: | () orkut | () facebook | () twitter | |
| | () moodle | () google.docs | () webquest | |
| | () word | () excel | () power point | |
| | () média player | () movie maker | () outro | |

Figura 6: Roteiro da pesquisa realizada em abr/2012

Ao se processar e quantificar os questionários respondidos constatou-se que 88% dos alunos têm computador e internet em casa. Os demais acessam em *Lan House*, Labin¹⁶ ou biblioteca¹⁷ da escola, conforme o Gráfico 1.

¹⁶ Labin: laboratório de informática da escola, equipado com 22 computadores, com sistema Linux, e 14 equipamentos têm internet.

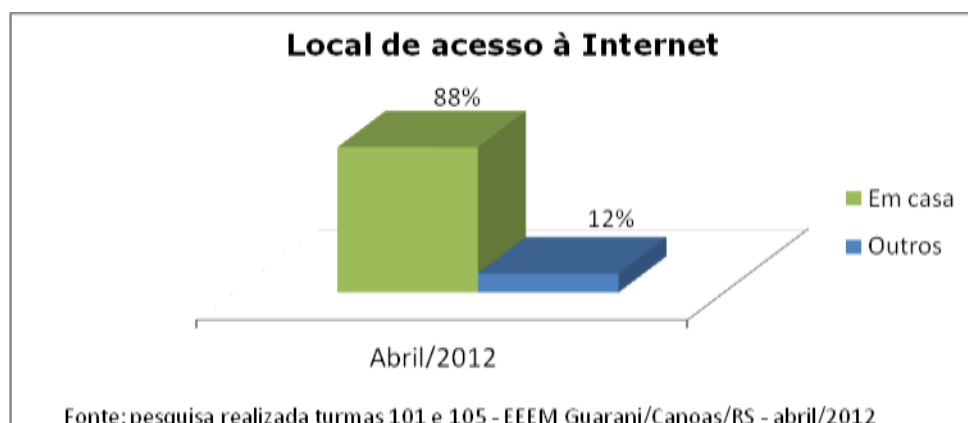


Gráfico 1 - Local de onde os alunos acessam a Internet

Na data da pesquisa somente 3% dos respondentes sabiam o que era uma ferramenta colaborativa, pois utilizavam esse recurso em atividades extracurriculares. Em relação à comunicação *on-line* com os professores, somente 5% dos alunos a utilizavam, a qual se restringia a fins sociais – lembrar datas ou eventos - e nenhum aluno (0%) interagiu com o objetivo educacional com seus educadores.

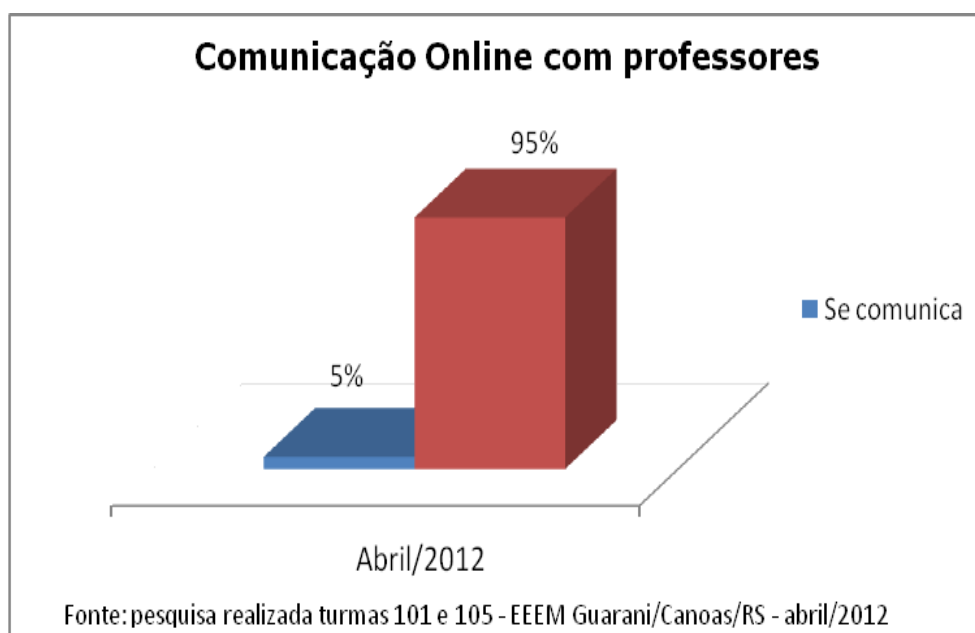


Gráfico 2 - Demonstrativo da comunicação *on-line* com professores

¹⁷ A biblioteca da escola é equipada com um computador com internet, e os alunos podem utilizá-lo mediante autorização.

A Rede Social Virtual mais utilizada foi o *Facebook*, embora houvesse um percentual significativo (51%) de usuários da rede Orkut¹⁸.

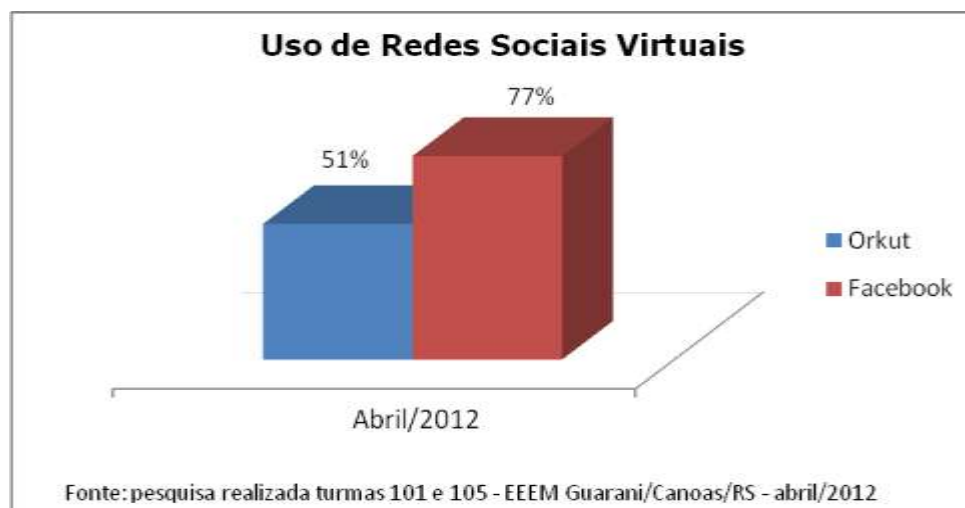


Gráfico 3 - Redes Sociais Virtuais utilizadas pelos alunos

Ao se definir a RSV e a FC a ser adotada considerou-se, além dos dados quantitativos obtidos no roteiro da pesquisa, a opinião dos alunos expressa em conversas informais. Por ser o *Facebook* a RSV com informações mais atualizadas e a mais utilizada por eles, acordou-se defini-lo como padrão. O *Google Docs*. foi escolhido por sua semelhança com o Word e o BR Office, programas já conhecidos pelos alunos, e em consequência, de mais fácil utilização.

3.2.2 Criação e validação de e-mails, Facebook e GD.

Individualmente, foi verificada a validade de todos os endereços de e-mails e *Facebook* dos participantes do projeto, com a utilização dos computadores do laboratório de informática e da biblioteca, garantindo-se, assim, a comunicação entre todos. Após essa validação houve uma aula introdutória ao uso do *Google Docs*., quando, em grupo e, depois, individualmente foi verificado o acesso de todos.

¹⁸ Esse alto índice de usuários do Orkut deve-se ao fato da não desativação do perfil, mas efetivamente poucos são os usuários dessa comunidade, conforme depoimentos informais dos alunos pesquisados.

Exemplo de um *e-mail* enviado a um aluno informando a criação de um arquivo no GD para compartilhamento.

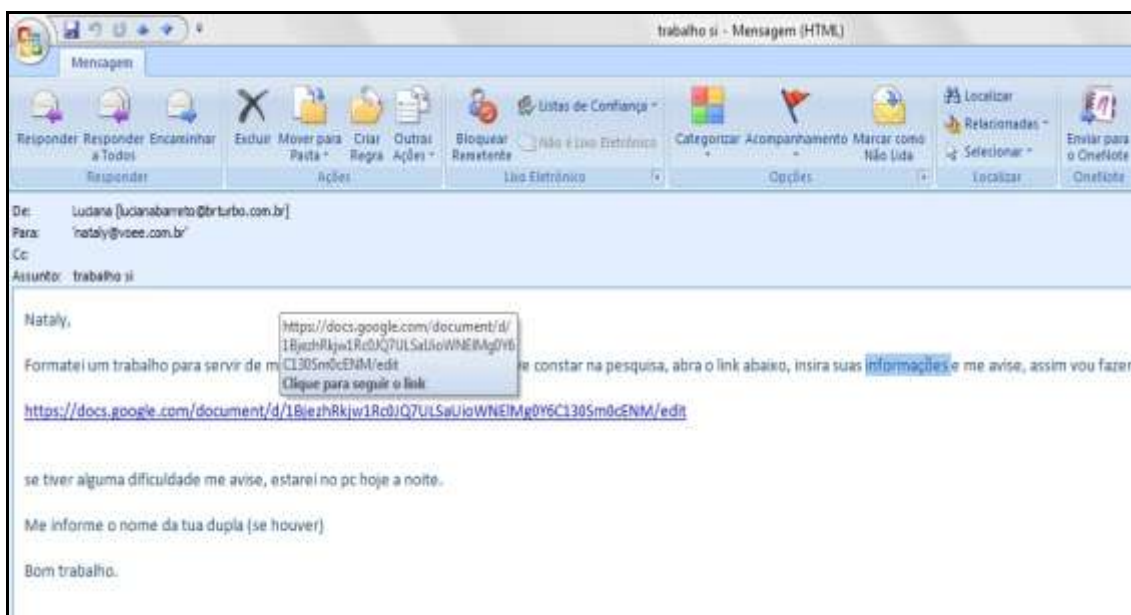


Figura 7: Email enviado aos alunos informando o link do Google Docs.

Exemplo de uma confirmação de um aluno informando o arquivo compartilhado.



Figura 8: Email de confirmação de compartilhamento

3.2.3 Criação de documentos compartilhados

Inicialmente foi criado um documento padrão para servir de modelo aos trabalhos dos alunos, para, então, salvarem seu próprio documento. Esse

procedimento não funcionou, pois, pelo fato de os documentos serem liberados para compartilhamento de edição entre todos, os alunos não salvavam o seu próprio trabalho, mas, sem se aperceberem, digitavam as informações em trabalhos de outros.

Exemplo de uma página em que o objetivo geral foi de uma dupla e os objetivos específicos de outra, digitados em um mesmo documento.

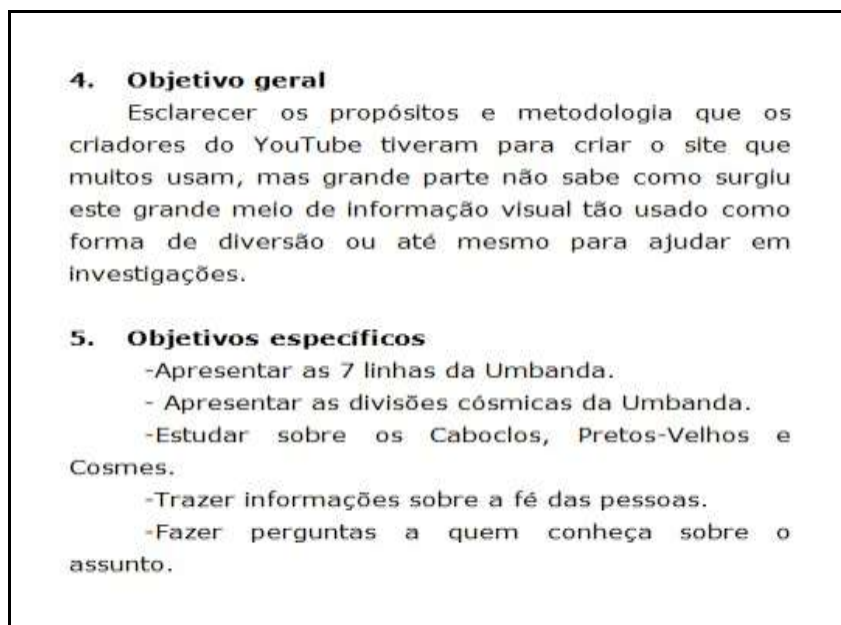


Figura 9: Exemplo de uma página compartilhada de forma errônea

Diagnosticado o problema, mudou-se a estratégia de compartilhamento de edição, criando-se arquivos individuais com compartilhamento somente entre os alunos da respectiva dupla e a professora. A partir desse momento os trabalhos foram elaborados sem problemas.

3.2.4 Realização de trabalhos via *Google Docs*.

Validados os endereços e resolvido o problema de compartilhamento iniciou-se efetivamente o trabalho, cada dupla trabalhou em sua pesquisa, e a cada dúvida enviava suas perguntas por *Facebook* ou *e-mail* à professora. Os horários de acesso foram os mais diversos, houve comunicação no turno inverso, nos finais de semana e até nas madrugadas.

Exemplo de uma página do GD com os arquivos compartilhados com os alunos.

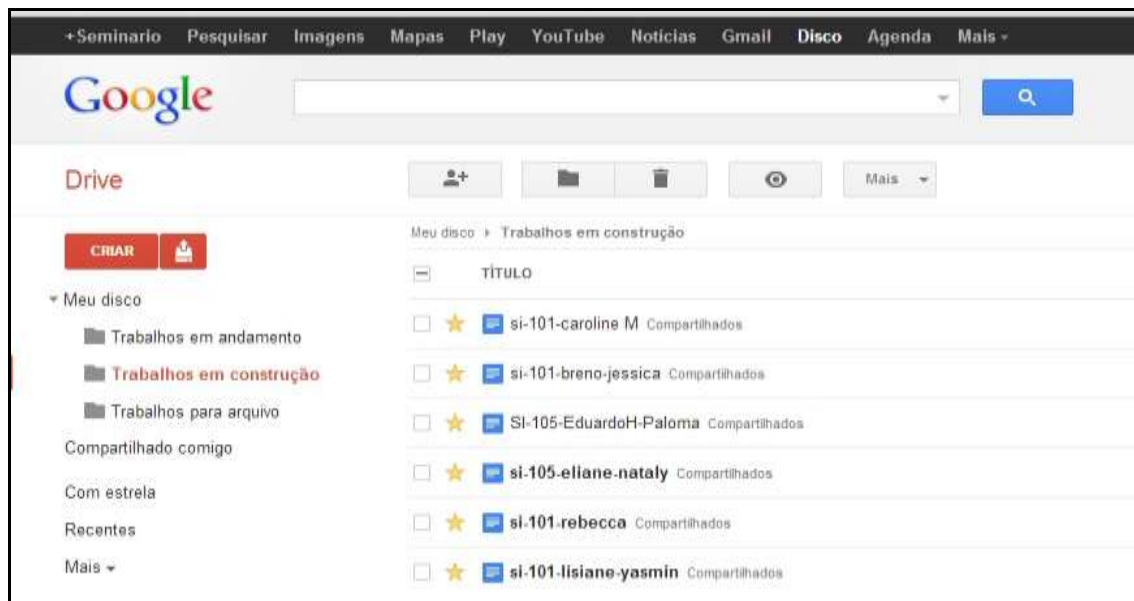


Figura 10: Tela do *Google Docs*. com os arquivos compartilhados

Exemplo de uma página do *Facebook* com orientações aos alunos.



Figura 11: Tela do *Facebook* com diálogo

Quando as orientações ficavam difíceis de serem repassadas, mantinha-se comunicação direta no documento em execução, convencendo-se que as orientações da professora seriam em vermelho e as inserções dos alunos em azul, resolvendo-se mais um obstáculo que apareceu no decorrer do projeto.

Exemplo de um documento em construção com orientações *on-line* no próprio documento.



Figura 12: Comunicação *on-line* via *Google Docs*.

3.3 Resultados do projeto - Out/2012

O início da implantação do projeto foi difícil, pois os alunos não estavam acostumados a essa forma de ensino e não faziam as atividades propostas. Foi nos finais de semana e no turno da noite, quando eles mais acessavam a internet, o momento que se encontrou para chamá-los no *Facebook* e, a partir dele, utilizar o *Google Docs*.. Essa nova forma de execução e orientação de tarefas tornou-os cada vez mais interessados e, à medida que o trabalho foi evoluindo, gradualmente, ficaram mais motivados. Em consequência, os trabalhos adquiriram mais qualidade, até o momento em que houve uma inversão de papéis: eram eles que chamavam a professora na internet para

esclarecer dúvidas, e quando, em um curto período de tempo, não obtinham resposta cobravam-na no dia seguinte em sala de aula.

Em outubro de 2012 foi realizada nova pesquisa junto aos alunos para avaliar a evolução da utilização das RSV e FC no projeto proposto, sempre lembrando o alerta de Levy (1999, p.88): “o virtual não substitui o real, ele multiplica as oportunidades para atualizá-lo”.

Houve uma grande modificação dos números quanto à forma de comunicação entre alunos e professores nesse período.

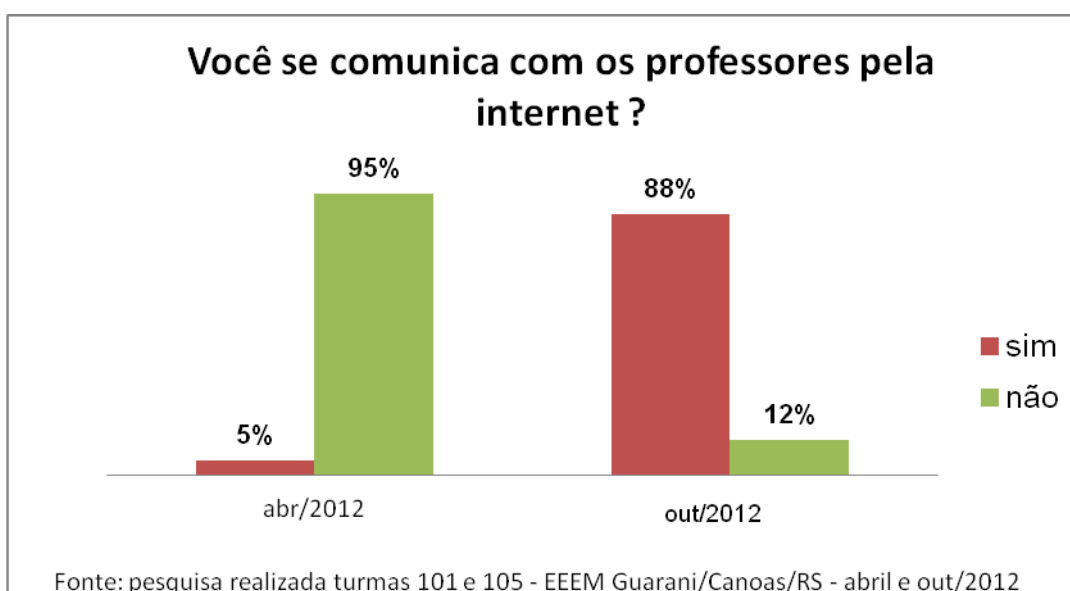


Gráfico 4 – Comparativo entre abr e out/2012 sobre comunicação *on-line* com professores

No que diz respeito à utilização da FC pode-se afirmar que o projeto foi muito positivo, pois 81% dos alunos, em um curto período de tempo, começaram a utilizar o GD não somente na disciplina de SI, mas, também, por iniciativa própria em trabalhos de outras disciplinas.



Gráfico 5: Comparativo entre abr e out/2012 sobre o uso do *Google Docs*.

Constata-se, além da melhora na qualidade dos trabalhos, certo nivelamento entre os alunos, pois nem todos dispunham de softwares pagos¹⁹ para realizar algumas tarefas e alguns que os possuíam não os utilizavam. A partir da utilização do *Google Docs*, todos têm condições de falar sobre a mesma forma de realizar as tarefas, havendo troca de informações e orientações entre eles.

A informação, quando adequadamente assimilada, produz conhecimento, modifica o estoque mental de informações do indivíduo e traz benefícios ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento da sociedade em que ele vive. (BARRETO, A. de A., 1994, p.3).

A partir dos achados da presente monografia, constata-se que alguns recursos, mesmo à disposição do usuário, pelos mais variados motivos não são utilizados por ele. Para tanto, é preciso gerar motivação para produzir mudanças no comportamento desses usuários, as quais devem ocorrer, principalmente, nas ações dos professores, para que se voltem ao incentivo aos alunos e, juntos, possam evoluir pois, segundo Buckingham, “o acesso crescente às tecnologias de produção digitais oferece possibilidades significativas, bem como coloca novos desafios”, (2002, p.258). Assim, esse

¹⁹ Exemplos citados pelos alunos de softwares pagos em questão: Word, Excel, Power Point.

projeto, que culminou em uma monografia, representou uma lição de como motivar-se e motivar o outro para responder a um objetivo. Percebe-se, finalmente, que a própria orientação do professor aos alunos sobre suas tarefas e produção tornou-se mais eficiente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foi possível constatar que a mudança no currículo do Ensino Médio e a introdução da disciplina de Seminário Integrado por si só não melhoram a qualidade do ensino nem o problema de evasão e reprovação. Há que se pensar sobre novas formas de comunicação com o aluno, pois, percebeu-se que somente as aulas presenciais não mais atendem as suas expectativas. Isso, talvez, porque os alunos, hoje, esperem uma aula mais dinâmica, em que possam interagir com a escola do mesmo modo com que interagem com o mundo. Percebe-se, assim, o quanto a cultura escolar, na determinação de práticas e modos de transposição didática, comportamentos e normas sociais realizadas, precisa se atualizar para preencher essa lacuna e transformar a internet em um aliado e não em um concorrente.

A experiência vivida durante a presente pesquisa foi extremamente positiva para alunos e professor e espera-se contribuir com esta monografia para que mais alunos e professores reflitam, em conjunto, sobre as práticas de ensino/aprendizagem antes mesmo de aderirem a diferentes recursos oferecidos pelas novas tecnologias.

Finalizando-se o estudo, transcrevem-se dois depoimentos (os participantes permitiram essa inserção) de alunos que assim se expressaram quanto à experiência do uso de RSV e FC na execução da pesquisa da disciplina SI:

“Na minha opinião, essa nova maneira que a professora está trabalhando com a gente é bem melhor, porque nós fazemos o trabalho em casa, tranquilamente, mandamos para a profe, ela olha e nos diz o que tem para arrumar. Nós saímos da rotina da sala de aula. Dessa maneira é até mais prático porque podemos nos comunicar com a professora a qualquer hora, em precisar esperar a próxima aula, e também uma maneira de incentivar os alunos a não só usar a internet para brincar, mas também para trabalhar sério” (Aluna A, turma 101).

“Avalio como boa a oportunidade de nos comunicarmos com a professora pela internet, pois as correções são diretas, o trabalho fica mais fácil pelo fato de que a maioria dos alunos tem facilidade em digitar, já que em casa temos mais calma, concentração e silêncio, o que ajuda na realização das pesquisas. Como tudo tem prós e contras, um dos contras é o fato da acessibilidade que nem todos os alunos dispõem dela. Mas fora isso, a forma de estudo melhorou muito e creio que a vontade dos alunos em cumprirem as tarefas tenha aumentado” (Aluno B, turma 105).

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Aldo de Albuquerque. **A questão da informação**. Revista São Paulo em Perspectiva. Fundação Seade v. 8, n.4, out/dez 1994.

BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. & COUTINHO, C. P. **Tutoria em cursos à distância com auxílio de ferramentas colaborativas**. Em: XVI Colóquio da Association Francophone Internationale de Recherche Scientifique en Education. Lisboa. 2008.

BRASIL. **Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

_____. Conselho Nacional da Educação. Câmara de educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 3, de 26 de julho de 1998**. Institui as Diretrizes curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne>. Acesso em 18 ago. 2012.

_____. **Parecer CNE/CEB nº 5, de 5 de maio de 2011**. Diretrizes curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne>. Acesso em 18 ago. 2012.

_____. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 30 de janeiro de 2012**. Diretrizes curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne>. Acesso em 18 ago. 2012.

BUCKINGHAM, David: A educação para a mídia e a produção de mídia pelos jovens no Reino Unido. In: FEILITZEN, Cecília Von e CARLSSON, Urla (orgs). **A criança e a mídia: imagem, educação, participação**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura**; v.1, Editora São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FERNANDES, Maria E. **A tecnologia precisa estar na sala de aula**. Revista Nova Escola, nº 233, 2010. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/planejamento-e-avaliacao/avaliacao/entrevista->

[pesquisadora-puc-sp-tecnologia-sala-aula-568012.shtml](#) Acesso em 02/09/2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CAMPOMAR, M. C. **Do uso de “estudo de caso” em pesquisas para dissertações e teses em administração.** Revista de Administração da Universidade de São Paulo (RAUSP). v.26, n.3, p.95-97, jul./set. 1991. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php> Acesso em 02/09/2012.

FONSECA, Tânia M. G. **Trabalho e Subjetividade.** Em: Educação, subjetividade e poder. V. 1 (jan./jun, 1994). Porto Alegre: Núcleo de Estudos sobre subjetividade, poder e educação, UFRGS: Editora UNIJUÍ, 1994.

GONZÁLEZ, Fernando S. **Ferramentas da web para a aprendizagem colaborativa: weblogs, redes sociais, wikis, web 2.0.** 2005. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/21015722/Artigo-2005-Ferramentas-Web>. Acesso em 28/08/2012.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção Dialética da História.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MACHADO, A.C.T.M. **Novas formas de produção de conhecimento: utilização de ferramentas da web 2.0 como recurso pedagógico.** Revista Udesc Virtu@I, vol. 1, n. 2, 2008. Disponível em <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/udescvirtual/article/viewFile/1655/133> Acessado em 07/10/2012.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual.** Lisboa: Gradiva, 1996.

IRALA, Esrom A. F. & TORRES, Patrícia L. **O uso do AMANDA como ferramenta de apoio a uma proposta de aprendizagem colaborativa para a língua inglesa.** Abril de 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/html/172-TCD4.htm>> Acesso em: 08/09/2012.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva: o futuro por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: 34, 1999.

LISBÔA, Eliana S. **Aprendizagem Informal na Web Social? Um estudo na rede social Orkut.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Instituto de Educação. Universidade do Minho, Braga, Portugal. 2010.

MACHADO, J. R. & TIJIBOY, A. V. **Redes Sociais Virtuais**: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. Em: Revista Novas tecnologias na educação. Volume 3. Número 1. CINTED- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.

MAGNANI, José G. C. **Tribos urbanas: metáfora ou categoria?**. Cadernos de Campo. Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da USP, 2 (2): 49-51.2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MORAN, J. M. **As novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papyrus, 2000.

PONTE, João P. **Tecnologias da informação e comunicação na formação de professores**. Revist Iberoamericana de Educacion, nº 24. Set/dez 2000.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REVISTA INFO. **Uma outra bolha?** Em: A invasão do Facebook. Revista Info. São Paulo: Abril, n.300, fev.2011.

RIO GRANDE DO SUL. **Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e educação Profissional Integrada ao Ensino Médio (2011-2014)**. Porto Alegre, out/nov 2011. 36p.

_____. Secretaria estadual de Educação. **Regimento Referência das Escolas de Ensino Médio Politécnico da Rede Estadual**. Porto Alegre. Janeiro de 2012. 27p.

_____. Conselho Estadual de Educação. **Parecer CEE d nº 156 de 27 de janeiro de 2012**.

SAVIANI, D. **Sobre a Concepção de Politecnia**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1989.

SOUZA, C.R.de. **Computadores, conhecimento e criatividade**: comportamento criativo em crianças do ensino fundamental em situação de aprendizagem mediada por computadores. Disponível em http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/2356/1/2007_CleovaneRaimunda eSouza. PDF>. Acessado em 10/10/2012

TEODORO, George L. M & ROCHA, Leonardo C. D. **Moodle – Manual do Professor**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, set./dez. 2005, p. 443-466. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1987.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

G1 notícias, 18/04/2012. Tecnologia e games. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/brasil-e-o-terceiro-maior-pais-em-numero-de-usuarios-no-facebook.html>. Acessado em 24/09/2012.

O'REILLY. A arquitetura da participação. Junho de 2004.
Disponível em: http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/articles/architecture_of_participation.html. Acessado em: 08/10/2012

PAVIANE, J. **Interdisciplinaridade: conceito e distinções**. Porto Alegre: Pyr, 2005.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIDADE DE TESE, DISSERTAÇÃO,
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE MESTRADO OU DE ESPECIALIZAÇÃO NO
LUME - REPOSITÓRIO DIGITAL DA UFRGS**

Uso interno

Nº de sistema SABI:

| | |
|--|---|
| 1 Identificação do tipo de documento | |
| Tese <input type="checkbox"/> | Dissertação <input type="checkbox"/> Trab. conclusão de mestrado <input type="checkbox"/> Trab. conclusão de especialização <input checked="" type="checkbox"/> |
| 2 Identificação do autor e do documento | |
| Nome completo: <u>LUCIANA BARRETO GONCALVES</u> | |
| RG: <u>9043234401</u> | CPF: <u>509284220-20</u> |
| E-mail: <u>LUCIANABARRETO@BRZ1200.UFRGS.BR</u> | Telefone: <u>51- 86202520</u> |
| Programa/Curso de Pós-Graduação ou Especialização: <u>MÍDIAS NA EDUCAÇÃO</u> | |
| Nome do orientador: <u>PROF. ÉRICO AMARAL</u> | Data da defesa: <u>20,12,12</u> |
| Título do documento: <u>PDF</u> | |
| 3 Autorização para disponibilização no Lume - Repositório Digital da UFRGS | |
| (A divulgação do documento digital é uma exigência da CAPES, disciplinada pela Portaria nº 013, de 15/02/2006) | |
| Autorizo a Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o documento supracitado, de minha autoria, no Lume - Repositório Digital da UFRGS para fins de leitura e/ou impressão pela Internet. | |
| Texto completo <input checked="" type="checkbox"/> Texto parcial <input type="checkbox"/> Especifique parte(s) a excluir e justifique: _____ | |
| _____ | |
| _____ | |
| _____ | |
| Neste caso, informe a data a partir da qual pode ser divulgada, na íntegra, no Lume - Repositório Digital da UFRGS: <u> / /</u> | |
| Assinatura do Orientador: _____ | |
| <u>CANCAS</u> | <u>20,01,13</u> |
| Local | Data |
| Assinatura do(a) autor(a) ou seu representante legal: <u>Luciana Gonçalves</u> | |
| 4 Está sujeito a registro de patente? (Portaria 3064/98UFRGS) | |
| Não <input checked="" type="checkbox"/> | |
| Sim <input type="checkbox"/> Informar o nº do processo de encaminhamento ao Escritório de Interação e Transferência de Tecnologia, aberto junto no Protocolo Geral da UFRGS: _____ | |

OBJ.: Presençar este Termo em duas vias. A 1ª via permanece na Biblioteca Setorial com o(s) documento(s) e a 2ª via, após a assinatura do Comprovante pela Biblioteca, deve ser encaminhada ao Programa de Pós-Graduação ou Curso de Especialização para registro do certificado de conclusão do Curso.

COMPROVANTE DE ENTREGA DO DOCUMENTO NA BIBLIOTECA SETORIAL

Em: / /

Carimbo e assinatura